O DIA DA INDEPENDÊNCIA DA AMÉRICA DO NORTE

Antônio Martins Filho

Para que se tenha uma melhor compreensão do que significa para o mundo, e particularmente para o continente americano, o Dia Independência da América do Norte, necessário se torna delinear, em traços ligeiros embora, o panorama da Europa do século XVIII e a situação excepcional do Novo Continente, em face daqueles tempos.

A Inglaterra, em virtude da exigüidade de seu meio físico, necessitava expandir-se por todos os quadrantes, onde quer que pudesse encontrar os elementos que a sua própria natureza não lhe podia oferecer. Sem isso, jamais poderia realizar os seus naturais anseios de progresso e de expansão.

Descoberto o Novo Continente, de logo compreenderam os ingleses que na parte setentrional do mesmo, ocupada hoje pelos Estados Unidos poderiam ser encontrados todos os recursos de que careciam para a realização de seus desideratos nacionais: advindos da identidade de clima, das proximidades da Europa e muito especialmente da feracidade das terras, ricas pela sua constituição geológica e também rica pelos tesouros incalculáveis em que eram pródigos os três reinos da natureza.

Resolvidos a localizarem-se na América, os ingleses, entretanto, tiveram de enfrentar as maiores potências expansionistas de então, principalmente a Espanha, que se julgava senhora do Novo Continente, e a França que igualmente nutria a intenção de dominar a região já preferida pelos britânicos.

Do choque de tais interesses antagônicos, nasceu a tradicional amizade luso-britânica, amizade aliás muito útil e preciosa para a Inglaterra, pois que, àquele tempo Portugal representava uma das principais potências colonizadoras da época, com a circunstância de ser ainda concorrente decisivo da Espanha.

Bem sucedida a expedição dos irmãos Caboto, começaram a afluir, para a nova terra bons elementos do povo inglês: exilados políticos e dissidentes religiosos que vinham buscar do outro lado do Atlântico, o que a mãe-pátria lhes negava — meios de subsistência e, acima de tudo, liberdades individuais.

Estes primeiros colonizadores foram seguidos por muitos outros emigrantes de origem nórdica, notadamente alemães, escandinavos, holandeses e irlandeses, de cujo amálgama com os anglo-saxônicos havia de

nascer o povo norte-americano com as suas qualidades étnicas excepcionais.

A vastidão do novo *habitat* e as facilidades de vida proporcionadas pela nova terra, bem como a ausência de preconceitos de casta e de nascimento verificada na sociedade colonial, desenvolveram ainda mais, naquele povo em formação, os sentimentos de liberdade. De modo que bastaram as primeiras medidas opressoras da metrópole — medidas de caráter mais econômico que político —, para que treze colônias, até então ligadas apenas pela origem comum, se reunissem e se revoltassem no sentido de se emanciparem do jugo da metrópole e constituir a primeira nacionalidade em terras americanas.

Com efeito, já na era de 1774, ao se reunir em Filadélfia o Primeiro Congresso Colonial, no espírito do povo americano predominava a idéia de separação, pois que, pela Declaração dos Direitos Coloniais ali proclamada, triunfou o princípio de que "os Colonos são donos das suas vidas, fazendas e liberdades e nenhum soberano, seja quem for, pode dispor delas sem o consentimento deles". (Afrânio Peixoto — "Pequena História das Américas", pág. 116).

Estavam, deste modo, virtualmente rompidos os laços que ligavam as colônias à metrópole.

Dominados pelos sentimentos de emancipação, convencidos de que o Reino constituía o maior entrave ao desenvolvimento e expansão da sua economia, os ianques jamais recuaram em seus propósitos, mas, pelo contrário, revestiram-se de todas as energias necessárias à luta encetada pela conquista da liberdade.

E foi desse modo que chegou o dia 4 de julho de 1776, data memorável em que o espírito esclarecido de Thomas Jefferson lançou as bases da nova nacionalidade, com a Declaração da Independência — documento histórico que consubstancia os anseios de um povo que atingira a sua maioridade política.

Com essa Declaração, entretanto, não ficou consumada a realização da Independência. Tiveram os constituidores da nova pátria de lutar com forças maiores, em condições aflitivas. E teriam de ceder finalmente, diante da superioridade dos exércitos adversários, se não viesse em seu auxílio a intervenção de potências estrangeiras, notadamente a França, a Espanha e a Holanda.

É de salientar, entretanto, o sentido do magno acontecimento internacional, porquanto não seria admissível limitar aos ianques a importância e significação do fato histórico a que nos reportamos.

Na verdade, uma visão de conjunto do mundo de então, demonstra, exuberantemente, que toda a propaganda ideológica dos filósofos do século XVIII, na sua pregação em prol dos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade humanas, muito embora contasse com os nomes exponenciais de Voltaire, Diderot, Rousseau e Montesquieu, jamais conseguiria ultra-

passar o terreno puramente dogmático, o que bem significa que até mesmo na Europa ainda não havia ambiente propício à imediata aplicação daqueles mesmos princípios.

Em sendo assim, a Revolução Francesa — que é o marco de uma civilização que se finda e de uma outra que se inicia — não teria sido fortemente influenciada pelo exemplo objetivo das Colônias setentrionais da América?

Em que teria resultado a obra doutrinária dos enciclopedistas, se não fora a visão política de Jefferson, o gênio militar de Washington e a perspicácia diplomática de um Benjamin Franklin?

Cogitações de tal ordem autorizam a afirmar que o Dia da Independência significa, na verdade, um acontecimento político notável na História, visto que, concretizando na prática os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, não podia deixar de ter repercutido até mesmo naquela Europa de cultura multissecular e de tão requintada civilização.

Os seus reflexos, nas demais colônias do continente americano, também não poderiam tardar, cabendo ao Brasil a glória de ter sido o primeiro onde aquelas idéias libertadoras se fizeram sentir.

Com efeito, se lançarmos um olhar ao passado, contemplando o movimento emancipador concertado na tradicional Vila Rica e também cotejando a semelhança de motivos que empolgaram os propugnadores da Inconfidência Mineira, chegaremos à conclusão de que o movimento libertador que teve em Tiradentes o seu vulto central, não poderia deixar de ter sentido as ressonâncias do brado de liberdade articulado pelos ianques, em cortando os laços que os ligavam à Inglaterra.

É certo que no nosso país, o sonho dos Inconfidentes não se transformou logo em realidade. No entanto, devemos levar em conta os elementos que concorreram para a nossa formação étnica, e também o desprezo a que a ignorância reinol nos votou durante quase um século, tornando-nos, àquela época, um povo ainda não capaz de se organizar e dirigir politicamente.

De qualquer forma, porém, foi entre nós onde a obra edificante dos ianques apresentou os seus primeiros efeitos, ficando o exemplo de Tiradentes como um incentivo às gerações futuras.

Com a marcha constante dos tempos, as colônias espanholas passaram a imitar os norte-americanos.

Em flagrante contraste ao pensamento dominante, na Europa foi ficando comprovada a capacidade auto-administrativa dos habitantes da América. Um por um, todos os povos deste continente, numa demonstração eloqüente de capacidade construtiva, foram conquistando a sua independência.

Todavia, apesar de independentes, ainda não se achavam bastante fortes para se manterem livres. E teriam talvez capitulado ante as maquinações dos potentados do Velho Mundo, se não fora a atitude altamente patriótica e decisiva desse outro americano notável que foi James Monroe.

Na verdade, a coligação política a que se deu o nome de Santa Aliança — fruto do Congresso de Viena — teria consumado os seus objetivos de fazer as nações americanas voltarem à condição de povos escravizados, se não fora a muito célebre declaração de Monroe, de que não toleraria se cerceasse a liberdade de qualquer país deste continente, pois que de fato e de direito a América pertence aos americanos.

É desse modo, pois — servindo de sentinela da Democracia —, que a pátria imortal de Washington vem cumprindo o seu destino histórico, mobilizando todas as suas energias, sempre que se faça mister, em prol das liberdades humanas.

Assim ocorreu na primeira grande guerra, quando a decisiva atitude de Wilson determinou a derrota dos Impérios Centrais. Assim também na segunda grande guerra, quando a palavra inflexível de Roosevelt, simbolizando o pensar e o sentir do continente, mobilizou exércitos, tangenciou a marcha dos acontecimentos, fez definir atitudes, traduzindo assim a certeza de uma vitória final.

Consideradas todas essas circunstâncias, nada mais justificável do que a deliberação dos povos do Novo Mundo, festejando o 4 de julho como uma data de todos os países deste hemisfério, irmanados nos seus anseios de progresso, de paz e de prosperidade.